

EDUCAÇÃO CULTURAL NA PRÁTICA ESCOLAR INFANTIL: PROPOSTAS INTERDISCIPLINARES E MULTICULTURAIS NO ENSINO DA ARTE.

HUGO LEONARDO DE OLIVEIRA¹;
PROF^a DR^a LIZANGELA TORRES²

¹Universidade Federal de Pelotas - hugo.leonardo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas - lizangela.torres@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma etapa fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, pois é nesse período que elas constroem as bases para a sua formação pessoal, social e cultural. Nesse sentido, é importante que a escola proporcione experiências que valorizem a diversidade cultural e promovam o respeito às diferenças, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, criativos e solidários. Reconhecendo a sua importância, este trabalho se apoia nas fundamentações de Paulo Freire sobre uma educação integral e cultural voltada para a conscientização e a transformação social, valorizando o diálogo, a reflexão e a crítica sobre as diferentes manifestações culturais apresentadas. Considera-se e enfatiza-se a importância também da interação social e da mediação cultural para o desenvolvimento das linguagens, através do pensamento e da aprendizagem da criança como propõe Lev Vygotsky. Portanto, as atividades realizadas com a turma A1A da educação básica na Escola Municipal Olavo Bilac foram realizadas partindo desses pilares teóricos. Para isso, utilizou-se da leitura de textos e imagens, como também da contação de uma história infantil do livro Lin e O Outro Lado do Bambuzal, de Lúcia Hiratsuka. Essas mediações foram realizadas no Programa de Residência Pedagógica UFPEL - Subprojeto Arte, pelo residente Hugo e acompanhadas pela professora Nauita. As atividades foram realizadas em etapas contextualizadas por diálogos expositivos e ativos, gerando práticas artísticas expressivas individuais e coletivas, trabalhando competências de criação, crítica, interpretação e reflexão, em uma proposta triangular como propõe Ana Mae Barbosa, com leitura, escrita e visualidades. Durante a realização dessas atividades, foram apresentadas expressões artísticas de povos nativos brasileiros e povos nativos japoneses, buscando assimilações e diferenças entre suas próprias origens, identidades e manifestações culturais.

2. METODOLOGIA

Em uma proposta triangular, partimos da exposição e contextualização através da leitura, como exercício de estímulo para a aprendizagem e uma exploração inicial. Na primeira aula, realizamos a contação da história infantil, com o livro Lin e o Outro Lado do Bambuzal. Lin é um filhote de raposa que vive na floresta e quer descobrir o que existe do outro lado de um bambuzal. Mas, para atravessá-lo, ele precisa dominar os segredos da misteriosa arte de se transformar, ensinada pelas raposas adultas. Assim, poderá enfrentar os perigos

da vida. Em seu desejo de conhecer o mundo, Lin faz amizade com um broto de bambu baixinho que sonha em crescer para enxergar as coisas bem do alto. Ele também conhece e torna-se amigo de Yumi, uma menina cega que deseja saber como é a vida na floresta. Desses encontros nasce uma amizade bonita e rica em descobertas, acompanhadas pela melodia que sai da flauta tocada por Yumi todos os dias. Essa fábula sobre a descoberta do mundo próprio da infância apresenta importantes traços que estão presentes não só na cultura oriental, como os ritos de passagem e de crescimento, mas também em outras culturas. Essa narrativa também traz elementos voltados para a compreensão e aceitação das diferenças, ou seja, a inclusão. A realização dessa atividade proporcionou um momento não só de muita troca imaginativa e estímulo da curiosidade e da atenção, mas também um momento de descontração, já que foi realizada em um ambiente externo ao da sala de aula, a biblioteca. Além disso, os alunos se sentiram motivados à prática da leitura e a aquisição de outros livros.

Nas práticas artísticas, linguagens expressivas e significativas para as crianças, as ilustrações do livro permitiram que as crianças entrassem em contato com uma técnica artística de pintura diferente, a aquarela e o estilo sumi-ê. Acompanhando a narrativa e observando as ilustrações do livro, que eram expostas durante o andamento da história, além de se familiarizar com as personagens, os cenários e os costumes, os alunos também foram reconhecendo a própria técnica e o estilo das ilustrações. Com isso, foi-se ampliando o repertório imagético e cultural deles, estimulando também as suas próprias criações. Uma cultura visual é uma proposta educacional integradora, pois a visualidade também é gerada por fenômenos culturais e dos contatos midiáticos da globalização. Além disso, a leitura da história favoreceu o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, já que eles repetiam e depois escreviam os nomes, tanto dos personagens, quanto os elementos culturais presentes na história e na exposição dos demais materiais de apoio. As atividades artísticas, por sua vez, possibilitaram que as crianças expressassem as suas impressões sobre a história e emoções, sentimentos, ideias e opiniões por meio de diferentes linguagens, como o desenho e a pintura. As atividades artísticas também permitiram que as crianças conhecessem e apreciassem diferentes técnicas e manifestações artísticas culturais. Na prática, eles aprenderam como realizar a diluição de tintas para a criação de degradês e a diferença entre valores tonais básicos como a monocromática e policromática.

Com a identificação, criação e a reprodução de grafismos indígenas brasileiros e dos povos nativos japoneses, os Ainus, eles tiveram contato com diferentes padrões artísticos, reconhecendo a sua diversidade e riqueza. Além disso, as atividades artísticas favoreceram o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da coordenação motora, da percepção visual e auditiva e da expressão corporal. Estimulando a cooperação e o trabalho em equipe e a amizade, também foram realizadas pinturas coletivas. Esses desenvolvimentos proporcionaram aos alunos a sua própria relação de construção dos códigos visuais, desenhando e escrevendo, materializaram suas impressões sobre os materiais apresentados, criando seus próprios universos objetivos e subjetivos. Tudo isso fortalecendo a autoestima das crianças por meio da representatividade, valorizando as suas origens, histórias, tradições e identidades. O residente promoveu conversas intuitivas com a leitura do livro e as exposições de imagens com objetos culturais, como têxteis indígenas, maracás e cocares. Na narrativa infantil onde citava o som de flauta, foi utilizado das músicas tradicionais dos instrumentos para uma experiência mais imersiva. Nessas atividades as crianças

compartilharam também as suas impressões, vivências e opiniões, estimulando a criação de significados, além de também reconhecerem as impressões dos colegas. Além de explorarem os personagens da literatura infantil apresentada, ou seja, ficcionais, também foi apresentado aos alunos exemplos de povos nativos reais, como no caso da história de Jonathan, um garoto de origem Tupi-Guarani da aldeia de Ilhéus, na Bahia. Através de uma reportagem em vídeo, ou seja, um recurso multimídia e audiovisual, as crianças tiveram contato com a rotina escolar e as práticas culturais do garoto, realizando uma aproximação real entre as diferentes culturas, costumes e modos de vida. Sendo assim, o professor além de utilizar de um livro infantil que apresentou personagens de outra etnia, gênero, classe social, região e país, também trouxe exemplos mais próximos e pertencentes da própria cultura. A escolha do livro se deu também por envolvimento pessoal do próprio residente, que já o havia lido durante a infância e do qual nutriu e nutre até hoje uma aproximação e envolvimento com a Cultura Japonesa. Sendo assim, fica evidente a importância da mediação do professor e o contato na infância com os livros, eles incentivam a criarem laços profundos com a leitura e a arte, ampliando o seu repertório cultural e literário, como no caso do residente que atualmente realiza pesquisas e estudos culturais japoneses.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolver e a inter relação dessas dinâmicas, nos estimulam a refletir sobre uma formação artística total, dos valores éticos, morais e estéticos das crianças. Um professor que se envolve e busca envolver as crianças em suas aulas propondo um tipo de educação que com essas atividades nos permite levantarmos a importância, pela reflexão, da apreciação e das múltiplas expressões culturais e artísticas, questões relevantes para uma educação de qualidade. Promovendo esse contato interdisciplinar e multicultural, com diferentes manifestações culturais do Brasil e do mundo, o professor tem ao seu dispor diversos materiais, podendo realizar diversas pesquisas, visitas, entrevistas, oficinas, festivais, mostras, entre outras atividades que permitem às crianças conhecerem e apreciarem diferentes expressões culturais e artísticas como música, dança, teatro, cinema, artesanato, culinária, folclore, etc. O professor com isso também passa a incentivar as crianças a participarem ativamente dessas manifestações culturais, experimentando-as na prática. Aprender sobre a cultura indígena brasileira é importante para as crianças por vários motivos, tais como o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural do Brasil, que é formado por diferentes povos, línguas, tradições e saberes. Isso é fundamental para que se tenham o respeito e defendam futuramente os direitos dos povos indígenas, que são os primeiros habitantes do território brasileiro e que ainda hoje sofrem com a discriminação, a violência e a invasão de suas terras. Ao mesmo tempo, os alunos podem conhecer e preservar o patrimônio cultural e ambiental dos povos indígenas, que possuem uma relação harmoniosa com a natureza e que contribuíram para o desenvolvimento de diversas plantas, alimentos, medicamentos, artes e tecnologias. Aprendem também com a sabedoria e a criatividade de diversos povos nativos, que possuem uma visão de mundo rica e complexa, baseada no diálogo, na cooperação, na espiritualidade e na oralidade. Fazer a relação com outras culturas nativas também é importante para as crianças, pois permite ampliar o conhecimento sobre a história e a geografia do mundo, compreendendo as

semelhanças e as diferenças entre os povos que vivem em diferentes regiões e continentes. Desenvolvem o senso crítico e a consciência social, analisando os processos de colonização, exploração, resistência e luta dos povos nativos frente aos colonizadores europeus e aos estados nacionais. Entrando em contato com diferentes mitos, lendas, rituais, músicas, danças, pinturas, esculturas e outras formas de expressão cultural dos povos nativos. Passam a valorizar a diversidade humana e o respeito às diferenças, reconhecendo que cada povo tem o seu modo de vida, de organização social, de religião, de língua e de identidade. O papel do professor na educação cultural é de grande relevância, pois ele pode contribuir para o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade cultural presente na sociedade e na escola. O professor pode atuar como um mediador entre as diferentes culturas, promovendo o diálogo, a reflexão e a troca de saberes entre os alunos.

4. CONCLUSÕES

Verificamos a importância de educar já na infância sobre as culturas, suas identidades e manifestações culturais. Fazendo isso com o auxílio das diferentes linguagens e mídias em uma proposta de educação que desenvolve a prática oral e escrita, lançando bases e contextos para o desenvolver das atividades artísticas, auxiliando também a construção de sentidos nos movimentos gráficos e das suas memórias. O papel do professor e sua interação e envolvimento nesse processo, sugerindo algumas formas de trabalhar a cultura na prática e de envolver-se e envolver os alunos nessas atividades culturais utilizando os ambientes escolares e a relação com a vida cotidiana. Verificamos que a educação cultural amplia o seu conhecimento de mundo, fortalece a sua identidade cultural, desenvolve a sua criatividade e sensibilidade, estimula o seu pensamento crítico e a sua cidadania, também possibilita às crianças aprenderem com as diferentes manifestações culturais, sejam elas locais, regionais, nacionais ou globais, reconhecendo a sua riqueza e a sua pluralidade. A educação cultural, portanto, é uma forma de educar para a convivência, para a tolerância e para a transformação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. Editora Perspectiva SA, 2020.

CARVALHO, Beatriz Mendes de. **A LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: uma análise do manual do professor do livro didático da coleção Novo Pitangüá**. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1971.

HIRATSUKA, Lúcia. **Lin e o outro lado do bambuzal**. BOD GmbH DE, 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch et al. **Pensamento e linguagem**. 2008.